

De assistente social a peça determinante no parlamento



“Tudo o que não seja pelos meios oficiais não faz qualquer sentido”, diz Mónica Freitas, vaticinando a ineficácia da Comissão Política agendada por Joaquim Sousa.

QUEM É MÓNICA FREITAS?

■ Natural do Funchal, mas residente em Santa Cruz, Mónica Freitas licenciou-se em Serviço Social, em 2019, pela Universidade de Coimbra. Enquanto assistente social, integra os quadros do Instituto de Segurança Social da Madeira há menos de um ano, já que iniciou funções como técnica superior de Serviço Social a 3 de Outubro do ano passado. Antes disso já havia trabalhado para a instituição, com contrato a termo, bem como com outras entidades, nomeadamente a Câmara Municipal de Santa Cruz e a associação ‘Olho.te’. Com 27 anos, a deputada eleita possui, também, o Curso Técnico de Apoio à Vítima e possui formação em Igualdade de Género e Cidadania. Antes de se formar, chegou a trabalhar no Centro de Reabilitação Psicopedagógica da Sagrada Família. Passou, também, pelo mundo da rádio, como locutora. Diz-se activista de longa data e defensora da igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas, com enfoque nas mulheres, tendo sido uma das fundadoras da associação ‘Womaniza-te’. É filiada no PAN desde 2021, realçando, desde então, uma participação activa nas acções do partido.

ELEIÇÕES
REGIÃO
2023

MARCO LIVRAMENTO
mlivramento@dnoticias.pt

Mónica Freitas é a figura do momento na política regional. Depois de ter sido eleita, no último domingo, deputada à Assembleia Legislativa da Madeira, na lista do ‘Pessoas Animais Natureza’ (PAN), a assistente social saiu de um quase anonimato para a exposição pública mediática, e nem sempre tem grande apreço das melhores apreciações.

Ao DIÁRIO, já depois de firmado o acordo com a coligação ‘Somos Madeira’, disse encarar o novo desafio “com muita seriedade”, mas também “com convicção e determinação”, apoiando-se numa “equipa dedicada às causas do partido”, empenhada em “fazer o melhor pela Madeira”.

Dizendo-se fiel aos princípios e valores do PAN, Mónica Freitas lamenta os comentários de quem tem sido alvo. Recusa o rótulo de ‘vendida’ - “nós não nos vendemos a ninguém” - e não entende ter defraudado as expectativas dos eleitores que votaram na sua candidatura.

“Aquilo que nós estamos a fazer é

reforçar aquelas que são as nossas causas e aproveitar a oportunidade de nós podermos inseri-las no programa de Governo e no próprio Orçamento”, venceu a jovem eleita.

A par disso, reforçou que o acordo firmado com o PSD/CDS “não é uma coligação” e “não dá maioria ao Governo”, mas antes “permite ao PAN levar avante as suas causas e representar aquilo pelo qual as pessoas votaram”.

Pede, por isso, que as pessoas continuem a confiar na sua equipa, já que, “depois de muita ponderação”, resolveu “agarrar esta oportunidade que nos foi dada para, em democracia, dar voz a quem não tem voz e poder fazer cumprir as propostas do nosso programa eleitoral”, salientou.

Temas fracturantes plasmados no acordo parlamentar

A nova deputada reconhece que há temas em que o PAN discorda da maioria PSD/CDS, “mas é para isso que existe este acordo parlamentar”, fundamentando no diálogo e na negociação, “para o PAN ter uma palavra a dizer antes das coisas serem levadas por diante”, justificou.

Mónica Freitas inclui nesse conjunto a estrada das Ginjas ou o teleférico do Curral das Freitas. “O PAN irá continuar a defender aquilo que sempre defendeu”, disse, realçando que a sua posição muito clara em relação a essas matérias ficou plasmada no acordo parlamentar já firmado. “De outra maneira não faria sentido”.

SOU ACTIVISTA HÁ MUITOS ANOS, JÁ FIZ PARTE DE VÁRIAS ASSOCIAÇÕES

Pede por isso, o benefício da dúvida a todos os madeirenses e porto-santenses, vincando que, embora não possam mudar o que está para trás, “a partir de agora também teremos uma palavra a dizer sobre o assunto”, rematou, prometendo “avaliar todo o processo dessas duas situações”.

Sobre a equipa que a vai acompanhar neste desafio parlamentar, Mónica Freitas aponta Marco Gonçalves e Valter Ramos como “peças

fundamentais”, não esquecendo o apoio de muitos desconhecidos que “continuarão nesta caminhada” pelos valores do PAN. Entre esses nomeia Donato Freitas, Henrique Andrade e Filipe Silva, “elementos imprescindíveis”.

Sobre o partido e particularmente sobre a estrutura regional do PAN, a recentemente eleita deputada à ALM diz que estão a tratar de arrumar a ‘casa’, realçando que “tudo o que não seja pelos meios oficiais não faz qualquer sentido”, diz Mónica Freitas, vaticinando a ineficácia da Comissão Política agendada para hoje, por Joaquim Sousa, ainda porta-voz regional.

“Tenho toda uma vida além do PAN, sempre tive”

Sobre os seus vídeos e podcasts que têm sido activamente partilhados,

nomeadamente da rubrica ‘Masturbador Virtual’, Mónica Freitas evita rodeios e mostra-se bastante coerente: “Eu não tenho qualquer problema em assumir que isso existe. Isso faz parte de um projecto de que me orgulho imenso”, vinca.

E continua: “Eu tenho toda uma vida além do PAN, sempre tive. Sou activista há muitos anos, já fiz parte de várias associações e projectos e o podcast é um desses projectos”, do qual diz ter muito orgulho em ter feito parte, juntamente com Filipe Silva.

Lamentando a divulgação fora de contexto, com aproveitamento depreciativo para a sua imagem, a eleita refere que o mesmo se insere nas iniciativas da associação ‘Womaniza-te’, com “o objectivo de desmistificar e quebrar tabus” na esfera da sexualidade.

“HÁ UMA TRAIÇÃO DO PAN AO ELEITORADO” DIZ JOAQUIM SOUSA

■ É com “uma certa tristeza”, enquanto cidadão, e principalmente enquanto porta-voz do PAN, que Joaquim Sousa constata que o partido pelo qual chegou a ser apresentado como cabeça-de-lista “é mais do mesmo, é pior do que o mesmo”. Dizendo que esta estrutura partidária se transformou “numa sociedade anónima”, onde, a mando da líder, “um conjunto de pessoas pura e simplesmente passam por cima dos estatutos”. Caso não tivesse “sido afastado”, o anterior candidato garante que

“nunca faria acordos com o PSD”, recusando “manter um regime de partido único de governo há 47 anos”.

Joaquim Sousa aponta a necessidade de “verdadeiramente mudar” que era sentida no contacto com as pessoas e reflectida pela posição assumida pela Comissão Política Regional do partido, órgão que alega não ter sido ouvido neste processo. O ex-candidato questiona-se mesmo “como é que é possível que o PSD não negocie com a Comissão Política do PAN, mas negocie com

a líder nacional do PAN, ignorando a autonomia do partido e da própria Região?”.

Por tudo isto, Joaquim Sousa não tem dúvidas de que “há uma traição do PAN ao eleitorado”, fundamentando, desta forma, a desilusão que lhe tem sido reportada por alguns apoiantes do partido. No seu entender, “a Natureza vai depender muito dos interesses do momento”, referindo que “o PAN mudou muito, não em função dos interesses dos militantes, mas de outro tipo de interesses”.